

TOPOLOGIA E FILOSOFIA

Prof. Dr. SILVINO SANTIN*

Difícilmente alguém fica sensibilizado quando ouve afirmações deste teor: "vivemos numa era tecnológica", ou, "a técnica tornou-se um critério de verdade e do real", ou ainda, "o homem foi reduzido a uma máquina". (1) Isto porque é óbvio, ou então, porque não se entende o alcance das mesmas. Até mesmo pode causar estranheza o fato de alguém dizer tais coisas com ares de novidade e com pretensões, no mínimo, de sensibilizar consciências. Nada mais resta a fazer. O fato está aí, consumado. O caminho foi feito, e até bem feito, camufladamente paisagístico. Para que ou por que pensar a questão, talvez, inventar a questão? Existirá, ainda, uma abertura para se questionar o fato? E se houver, qual a empostação de tal questionamento? De onde, de quem ou como partiria?

Admitamos, como ponto de partida, que o questionamento, não só é possível, mas necessário, isto é, inevitável. Tal questionamento impõe-se, não apenas por exigências antropológicas, mas ainda, por paradoxal que pareça, nasce de um coxilo da própria dinâmica tecnológica, já que não consegue envolver a totalidade do humano em seus parâmetros tecnologizantes. Fica claro, contudo, que não é a técnica que se propõe o empreendimento de se questionar. O autoquestionamento tecnológico, atingindo seus pressupostos, deixaria imediatamente de pertencer ao universo da técnica. A única coisa que a técnica poderia propor-se seria apenas a revisão de suas conclusões, em termos de validade, que não consegue abarcar o homem todo nos horizontes tecnológicos. O questionamento, não o empreendimento do questionar, pode nascer do mundo da técnica, enquanto esta deixa espaços suficientemente sonoros para reproduzir o eco dos clamores de possibilidades por ela sufocados.

Vejamos. Enquanto a técnica se debate na busca de parâmetros mais englobantes e mais eficazmente totalizantes, pode ser descoberto, na paisagem tecnológica, um espaço não tecnológico. Acontece que a técnica, bem como a cientificidade, elaboraram um modelo, e o modelo revestiu-se de uma abrangência universal. A cientificidade é o conhecimento certo, verídico, único, ou seja, real. A tecnicidade, que emana dessa cientificidade, identifica-se com o próprio fazer eficaz, o único fazer realmente eficaz. Fora da Técnica, segundo o espírito da

(*) Professor Visitante do Departamento de Filosofia e Psicologia da UFSM, docente do Curso de Pós-graduação em Filosofia.

modernidade, não há fazer ou ação que não implique em primitivismo, em ineficiência, em subdesenvolvimento. Fora da cientificidade, ainda segundo o espírito da modernidade, não há conhecimento que não signifique ignorância, diletantismo ou abstratismo.

Assim, o mundo da tecnologia se constitui de uma topografia reveladora de forças que irrompem, aqui e ali, à sua revelia, mas munidas de uma eficácia salutar e sanadora dentro da monotonia da paisagem tecnológica. Os ecos das vozes de possibilidades humanas subjugadas pelo poderio tecnológico, tornam-se audíveis, cada dia mais nitidamente audíveis. Onde está a criação artística? Onde se levanta o dizer poético? Onde se desenvolve a linguagem do amante, da criança, do louco, do gênio? Onde se articulam os sonhos, as ilusões, as doces ilusões, que tanto sustentam o atribulado existir humano? Onde se movimentam e se desencadeiam as energias da imaginação, tão fecunda quanto temível? É por isto, e por tantas outras razões, que na vasta topografia tecnológica se pode pensar em uma topologia não marcada, não mensurada, nem mensurável, e não enquadrada nos teodolitos das engenhosas dimensões da ciência e da técnica. Fora da ordem do Édem, pode-se buscar a ordem mundana, a do homem. A ordem que representa a tentação da serpente, na leitura existencial do mito de Adão e Eva: (2) o espírito da curiosidade que procurou conhecer o Bem e o Mal, que dinamizou o espanto do pensamento grego. Existe sempre, aí, a luta da possibilidade teimosa do fígado de Prometeu, que cresce após cada investida do abutre devorador, contra a força destruidora e absolutista da dominação de Zeus.

Nestas dimensões o pensamento pode movimentar-se livremente, pois a própria técnica sabe que não tem condições de intervir, embora queira e se esforce para fazê-lo; e a ciência não consegue controlar, ainda que sonhe desesperadamente com esse controle. E, podemos dizer mais, se isto acontecesse, além de ser uma ilusão, seria, tanto para a técnica como para a ciência, o decreto de sua falência, pois ambas só conseguem progredir quando em seu roteiro surge alguém que sonha além de seus parâmetros.

Aqui, sem dúvida, se encontra o espaço do filosofar. Pretender encontrar e situar o espaço filosófico, talvez seja uma conclusão leviana, mesmo desastrosa para o pensar filosófico. Sem dúvida inútil, absolutamente inútil, caso tal topologia fosse circunscrita a uma localização fixa. Situando-a num "entre-dois", posicionando-a através de conceitos limites, estaríamos enfraquecendo seu vigor, que é o de colocar-se além, além de si mesma, isto é, de nunca se colocar e sempre se situando. É o acordar constantemente para um novo dia.

Desta maneira, pode a filosofia nascer nos vazios da ciência e, sob os pesados grilhões do poder tecnológicos, emergir como a esperança de uma nova aurora. Exatamente ali, onde se articula todo o poderio da tecnologia e da cientificidade manifesta-se a impotência das mesmas; desta impotência fecunda-se a reflexão filosófica. A impotência da cientificidade é constitutiva do próprio modelo da epistemologia científica. É ausência é fraqueza, é impossibilidade constitutiva de abranger o todo. O todo em sua totalidade de real presente e, especialmente, o todo em sua totalidade de abertura para as possibilidades, não menos reais, do devir, do não-determinado.

O filosofar é o movimento não equacionado, não formularizado. O filosofar é o olho a mais, que estava em Sócrates e que as ciências não conseguiram, nem reproduzir, nem cegar. O filosofar é o acender a luz no meio da luminosidade da ciência, é instaurar a incômoda interrogação no meio da segurança e da ordem do Édem tecnológico. Ali, onde a ciência chega, continua o filosofar; ali, onde a técnica não alcança, movimenta-se o pensador e dinamiza se o filosofar. Ali, onde o cientista não consegue ver mais, o pensador continua com plena visibilidade. É o vôo da coruja. Quando todos os pássaros são paralizados pela escuridão, o pássaro noctívago mergulha na massa negra da sua claridade noturna. O pensador reconhece a claridade da ciência e descobre o brilho da escuridão. A cientificidade é um limite e pode ser um obstáculo para a curiosidade do novo saber, para a validade humanizadora das tarefas do homem. O poder da técnica encontra seu limite em sua própria força. A técnica controla toda ação, em sua funcionalidade e em sua produtividade, apesar disso, a dinamicidade acumulada da técnica torna-se, para a tecnologia, um incontável. Aqui está o que diferencia a dinâmica das ciências e da técnica com o filosofar. A filosofia, precisamente, tem seu domínio na esfera do incontável. A filosofia é filosofia porque consegue fugir às manipulações da arbitrariedade dos homens, porque consegue colocar-se sempre além dos modelos estabelecidos, do definitivo, do determinado. A filosofia busca sempre a superação de si mesma, é nisto que ela é filosofia. A última resposta é também a abertura para a reformulação do novo questionamento.

A filosofia do saber racional ou, talvez, a filosofia da racionalidade ou a racionalidade das filosofias essencialistas marginalizaram a fecundidade da imaginação; a racionalidade experiencial da cientificidade e da tecnicidade instaurou a pragmaticidade e a utilização do saber e do fazer. Mas o pensamento humano ou a reflexão filosófica, sem negar o racional nem o experimental e prático, movimentam-se entre suas fissuras para ouvir os ecos dos mitos do passado — veja-se o

interesse pelo mito entre o estudiosos contemporâneos de todas as áreas de pesquisa (3) — e para entender a lições dos mitos do presente. Franz Boas diz: “dir-se-ia que os universos mitológicos são destinados a ser pulverizados, mal acabam de se formar, para que novos universos nasçam de seus fragmentos”. (4) A reflexão filosófica contemporânea desenvolve seu vigor nas palavras da irracionalidade, seja através das poesias de Hoelderlin, (5), seja através da pintura de Cezane (6) ou dos quadros de Van Gog, ou ainda das releituras de Nietzsche. (7) A “História da Loucura” ou as diferentes arqueologias de Michel Foucault buscam as dimensões que os controles totalitários das ideologias e das racionalidades deixaram adormecidas no silêncio de seus subterrâneos históricos. A Hermenêutica recebe um impulso vigoroso na medida que se define como um instrumento de verdade, verdade como “alétheia”, desvelamento, procurando a palavra como o fio condutor que conduz até aos “arquéis” originários da inocência selvagem.

Por tudo isto, e além de tudo isto, viceja, hoje, a reflexão filosófica. Consciente de que não é a força do poder e do saber que triunfam, mas a teimosia da pesquisa permanente, da interrogação importuna. O “espanto” grego, a admiração delirante do poeta, a dinâmica da imaginação, a curiosidade do pensador, o questionamento do filosofar constituem-se, na era da técnica, a força mais temível. A força, que não ameaça, que não destrói, que não escraviza, mas que comove, que ilumina, que liberta. Todo poder que, atraído pela melódia do canto das sereias da técnica e da cientificidade, pretender impor-lhe silêncio e o jugo servil, acaba conhecendo o sabor da derrota.

A reflexão filosófica é o homem. O homem que se agita, que cresce, que se ultrapassa. A figura do caniço pensante de Pascal, por mais lembrada e questionada que seja, conserva sempre uma áurea de romantismo e de inspiração. Pronto a dobrar-se diante das variações climáticas, mas nunca desligado do solo de sua verdade, de seu destino, o destino de ser caniço. O homem açoitado pela lucidez dos argumentos da verdade e das opiniões, nunca pode negar suas raízes pensantes. As raízes de seu destino. O destino de pensar, isto é, de ser homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LEÃO, Emmanuel Carneiro — “A Filosofia na Idade da Ciência” In Rev. Tempo Brasileiro N.º 8 — Fev. 1966 pg. 57 ss.
2. Leão, Emmanuel Carneiro, Aprendendo a Pensar, pg. 202.
3. Henri Lefebvre, Introdução à Modernidade, pag. 70
4. Franz Boas, in Antropologia Estrutural Lei Strauss, p. 237.
5. Heidegger, Martin, “Erläuterungen zu Holderlins Dichtung
6. Merleau-Ponty, Maurice, L’Oeil et l’Esprit.
7. Heidegger, Martin, “Holswege” e “Nietzsche”.